

Operadora:

Bom dia, e obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência de resultados do Banco Santander (Brasil) S.A. Presentes aqui estão o Sr. Angel Santodomingo, Vice-Presidente Executivo – CFO –, e o Sr. Luiz Felipe Taunay, responsável pela área de Relações com Investidores.

Esta teleconferência está sendo transmitida simultaneamente pela Internet no site de Relações com Investidores do Banco Santander, no endereço www.santander.com.br/ri, onde poderá ser encontrada a respectiva apresentação para download. Informamos que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do Banco. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando maiores informações serão fornecidas.

Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a conferência, queira, por favor, solicitar a ajuda de um operador, digitando *0.

Gostaríamos de informar que perguntas recebidas pelo *webcast* terão prioridade de resposta. Caso deseje realizar a pergunta via telefone, pressione *1. Se a qualquer momento sua pergunta for respondida, aperte *2 para se retirar da fila. O número de perguntas é limitado a duas por participante. Caso tenha alguma pergunta adicional, solicitamos que retorne à fila.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas de negócios do Banco Santander, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da Diretoria do Banco, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não serão garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a assuntos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer. Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais podem afetar o desempenho futuro do Banco Santander e podem conduzir a resultados que diferem materialmente daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora passo a palavra ao Sr. Angel Santodomingo, Vice-Presidente Executivo – CFO. Por favor, Sr. Santodomingo, o senhor pode prosseguir.

Angel Santodomingo:

Muito obrigado. Bom dia a todos, e muito obrigado por participarem do *call* de resultados do 3T15 do Banco Santander Brasil.

Como podem ver pelo índice, nos próximos minutos eu tentarei abordar os principais tópicos desta apresentação, começando com uma visão geral do cenário macro, e, em seguida, ressaltarei os resultados do 3T e a evolução do trimestre da atividade comercial.

Começando pela página quatro, apresentamos a pesquisa do Banco Central que mostra a dinâmica esperada para algumas das mais importantes variáveis econômicas.

Deixem-me começar com algumas considerações iniciais. A economia brasileira continua a crescer, através de um processo de ajuste. Este ambiente – e a quantidade de medidas implementadas pelo Governo – é bem considerável. Consequentemente a inflação brasileira atingiu níveis acima de 9% em 2015, bem acima da meta de 4,5%.

As medidas fiscais implementadas e anunciadas indicam uma mudança bem clara no curso das políticas macroeconômicas, que devem nos levar a um ambiente melhor a médio prazo.

Achamos que o Brasil está tratando dos desequilíbrios fiscais e conseguirá resolvê-los com o tempo. Por outro lado, o processo provavelmente será mais longo do que aquele inicialmente antecipado.

Visto que os ajustes são consideráveis, a economia está sendo impactada. Em 2015, as estimativas atuais apontam para uma provável contração de 3% no PIB, com uma recuperação trimestre a trimestre a partir de 2016.

Acreditamos que, após esse ajuste, a economia estará em boas condições para retomar o curso de crescimento sustentável a partir de 2017. O consenso, portanto, será de inflação mais baixa, assim como menores taxas Selic a partir de 2016.

E por fim, mas não menos importante, espera-se que o câmbio convirja para uma taxa em torno de R\$4 por USD, um nível que já está refletindo uma melhoria no déficit externo brasileiro, indicando uma posição mais sustentável.

Essas variáveis, tanto a inflação como a convergência das contas correntes, sempre representam indicadores de uma mudança positiva no ciclo.

Agora, passando para o slide seis, onde mostramos o lucro líquido, podemos ver que, no 3T15, o lucro líquido do período totalizou R\$1,7 bilhão, um aumento de 2% sobre o 2T, excluindo os resultados extraordinários obtidos no último trimestre e dando continuidade à tendência positiva dos últimos trimestres. No acumulado do ano, os resultados chegaram a R\$5 bilhões, crescendo 16% em relação ao mesmo período de 2014.

Vale mencionar que o prazo para total amortização do ágio relativo à compra do Banco Real foi estendido até 2017. Como resultado, o valor trimestral da amortização do ágio foi reduzido em cerca de R\$0,5 bilhão, o que explica parte do aumento no lucro societário do trimestre, como visto no slide.

Passando para a página seguinte, página sete, temos os principais destaques que eu gostaria de destacar para este trimestre e a comparação deste trimestre versus os trimestres anteriores.

Eu gostaria, portanto, de destacar quatro pontos principais. Em primeiro lugar, o aumento de 3% na carteira de crédito ampliada no trimestre, impactada positivamente pela desvalorização do Real. Devo lembrar que essa desvalorização foi de 28% no trimestre. Excluindo-se esse impacto, a evolução trimestral teria sido *flat*. A captação de clientes subiu para 4%.

Em segundo lugar, o Banco continua a manter uma posição confortável em termos de capital e liquidez, refletida na solidez do seu balanço. O índice de Basileia ficou em 15,8%, com um índice de Tier I de 14,4%. O índice *loan-to-deposit* foi para 91%.

O terceiro ponto é que o lucro líquido atingiu R\$1,7 bilhão no 3T15, como mencionado no slide anterior, com um crescimento no trimestre de 2%. Eu gostaria de destacar aqui o desenvolvimento positivo da nossa margem financeira bruta, juntamente com custos e provisões controlados, acompanhando o padrão econômico que estamos vivendo no momento.

E finalmente, a quarta ideia, as métricas de qualidade dos ativos permanecem estáveis ou se deteriorando de maneira controlada ou limitada, mesmo mediante um cenário macroeconômico desafiador.

Inadimplência acima de 90 dias permaneceu estável no trimestre, enquanto que o índice de cobertura atingiu 185%, o nível mais alto desde 2009. Ao mesmo tempo, o custo do risco mostrou uma piora de 12 b.p.

Na página seguinte, página oito, mostramos os principais itens do nosso balanço. Começando a falar sobre as receitas, a margem financeira bruta subiu 2% quando comparada ao 2T, e 8% em 12 meses, enquanto as comissões permaneceram estáveis no trimestre e aumentaram 7% em 12 meses.

O segundo ponto é a provisão de crédito, que atingiu R\$6,9 bilhões nos 9M15, com um aumento de 5% sobre o 2T. Ao mesmo tempo, houve uma redução de 5% no ano. O aumento no trimestre reflete a situação econômica.

Terceiro ponto, despesas gerais, que permaneceram estáveis no trimestre e apresentaram crescimento de 3% em 12 meses, bem abaixo da inflação anual. A evolução trimestral foi impactada negativamente pelo dissídio coletivo anual.

Quarto ponto: no trimestre as despesas com imposto de renda superaram o resultado antes dos impostos, que cresceu 12%, como podem ver, levando a um aumento na alíquota tributária efetiva. Isso reflete a mudança na amortização do ágio, assim como também as mudanças fiscais ocorridas durante o trimestre.

E quinto ponto, como resultado, o lucro líquido aumentou em 2% em três meses e 16% no ano.

Agora falarei linha a linha, e falaremos sobre a evolução da nossa margem financeira bruta. Na comparação trimestre a trimestre, a margem financeira bruta totalizou R\$7,6 bilhões no período, no 3T, crescendo 2% sobre o trimestre anterior. A margem financeira diretamente relacionada às atividades com clientes, que é crédito mais depósitos, continua a crescer a um índice de 1% no trimestre, mostrando, portanto, que estamos seguindo de acordo com o objetivo.

As operações de mercado tiveram um bom desempenho, e eu gostaria agora de destacar duas ideias a este respeito. A primeira é que, com relação à margem com clientes, o crédito continua a crescer em base trimestre a trimestre em 1%. Os spreads de crédito na carteira de crédito permaneceram estáveis no trimestre, com o impacto negativo da mudança do mix sendo atenuado por spreads maiores por produto, fechando em 1,5%, estável nos dois trimestres.

Na comparação ano a ano a margem financeira bruta cresceu 8%, principalmente devido à evolução da linha outros. A margem de crédito permaneceu estável. Novamente a evolução do spread por produto, assim como o volume, conseguiu atenuar a mudança do *mix*, o que já vínhamos compartilhando com os senhores nos últimos trimestres, e que também ocorreu durante este trimestre.

Na página 12, temos a carteira de crédito. A carteira de crédito ampliada chegou a R\$332,3 bilhões. A variação cambial entre o Real e o USD teve maior impacto sobre as métricas de crescimento da carteira. Filtrando-se o impacto da variação cambial, vemos uma desaceleração do crescimento. A evolução anual da carteira de crédito ampliada subiu 7%, enquanto a evolução trimestral foi estável.

Agora passando para os segmentos, o segmento grandes empresas foi mais impactado pela variação cambial. O crescimento anual chegou a 6%, e 25% considerando-se o câmbio no período. No trimestre, a carteira de crédito teve uma redução de 3%. Excluindo a desvalorização do Real, como vocês podem ver aqui, aumentou cerca de 6,9%.

Passando para o segmento de pessoas físicas, este apresentou um crescimento de 8% ano a ano e 2% trimestre a trimestre. A evolução anual foi impactada, lembrem-se, pela incorporação da carteira do Bonsucesso. Empréstimos consignados e imobiliários continuam a ser os principais vetores de crescimento.

Em financiamento ao consumo, a carteira caiu 4% no trimestre e 7% em 12 meses, obviamente refletindo o enfraquecimento do mercado. A carteira de pequenas e médias empresas subiu 1% no trimestre e 2% em 12 meses, o que também reflete nossos investimentos já comentados em trimestres anteriores.

Do lado das captações, na próxima página, número 11, podemos ver a evolução que reflete nosso foco no cliente e a vinculação com eles. As captações de clientes somaram R\$288 bilhões, subindo quase R\$44,5 bilhões em 12 meses, e R\$12,1 bilhões no trimestre.

Houve um aumento nos depósitos compulsórios no trimestre, como podem ver, que pode ser principalmente explicado por dois fatores: primeiro, a decisão do Banco Central do Brasil, de remunerar todos os depósitos compulsórios pela taxa Selic, desencorajou o uso de empréstimos para capital de giro e veículos como redutores de depósito compulsório. E, em segundo lugar, houve também um aumento da base dos depósitos compulsórios.

As captações continuam a crescer mais que os empréstimos, como já mencionei, 12%, levando aos 3% que já comentei antes, e levando a uma posição de liquidez melhor, como poderemos ver nos próximos slides.

Finalmente, a captação total de clientes, incluindo administração de fundos, chegou a R\$512 bilhões, com um crescimento de 18%, que seriam R\$76 bilhões em 12 meses, o que é um número considerável, e 4%, ou R\$18 bilhões, em três meses. Administração de fundos atingiu R\$187 bilhões, com aumento de 16% em 12 meses e 5% no trimestre, bem saudável.

Passando para a página seguinte, o total da receita de comissões foi R\$8,9 bilhões, 7% a mais que no mesmo período de 2014, e estável trimestre a trimestre. No trimestre, as comissões com cartões, fundos e contas correntes apresentaram um bom desempenho. No entanto, a dinâmica do negócio de atacado, o que é bem compreensível, considerando o momento atual, e seguros, influenciados pela sazonalidade tradicional, levou a uma evolução mais estável no trimestre.

Em termos de crescimento anual, as áreas de seguros, contas correntes e comissões de operações de crédito explicam 2/3 do crescimento anual com comissões de quase R\$600 milhões, ou 7,1%.

Passando para despesas gerais, na página 13, mostramos a evolução dessas despesas. As despesas, excluindo depreciação e amortização, aumentaram 4% no trimestre e 3% em 12 meses, bem abaixo dos níveis da inflação anual, mostrando a nossa mensagem contínua aos senhores.

A mudança no trimestre foi impactada pelo dissídio coletivo anual, e o crescimento do ano foi impactado pela incorporação única de GetNet e Bonsucesso.

Continuamos a entregar de acordo com a meta de custo. Como já vimos comentando durante uma longa série de trimestres, o custo continua a ser controlado bem abaixo da metade da inflação. Incluindo depreciação e amortização, as despesas totais permaneceram estáveis no trimestre, com um aumento de 3% em três e 12 meses, e novamente bem abaixo da inflação anual.

A queda na desvalorização e amortização do trimestre resulta do impacto da perda do valor recuperável dos ativos de folha de pagamento e software no 2T15, como já reportado.

Agora passando para a qualidade, na página 14, podemos destacar que o índice de inadimplência acima de 90 dias caiu em 47 b.p. em 12 meses, com uma melhoria tanto no segmento pessoa física, -55 b.p., quanto pessoa jurídica, -24 b. O índice de inadimplência de 15 a 90 dias caiu em 23 b.p. no trimestre e 3 b.p. em 12 meses. No trimestre, a inadimplência de empresas liderou o movimento.

A desvalorização do Real teve um impacto sobre os números, assim como também o tradicional efeito sazonal no 3T. Excluindo-se o efeito cambial no trimestre, a inadimplência de 15 a 90 dias para empresas e a carteira total teriam se mantido inalterados, ou estáveis.

No trimestre, o índice de inadimplência 90 dias permaneceu estável, com um aumento de 24 b.p. para pessoas físicas e uma redução de 15 b.p. para pessoas jurídicas. Portanto, o comportamento do segmento pessoa jurídica continua sendo influenciado pela desvalorização do Real. Se excluirmos esse efeito, a inadimplência de pessoa jurídica teria ficado estável, e o total da inadimplência de 90 dias teria crescido 15 b.p. no 3T.

Acreditamos que, em vista do pano de fundo econômico, as métricas de qualidade dos ativos demonstram que eles estão sob controle.

Eu gostaria de destacar o que vimos compartilhando com os senhores nos últimos trimestres. Esperamos uma deterioração gradual e controlada na qualidade dos ativos, refletindo a realidade econômica do País. E por fim, mas não menos importante, o índice de cobertura atingiu um índice incrível de 185%, permanecendo em níveis bem confortáveis.

No próximo slide, falamos sobre as provisões de crédito, que totalizaram R\$6,9 bilhões nos 9M15, representando uma redução de 5% sobre o ano anterior e um aumento de 4,7% no trimestre.

O custo do crédito caiu novamente, comparando ano a ano, 60 b.p., pela mesma razão, e subiu 12 b.p., se fizermos a comparação de trimestre a trimestre. Esta evolução provavelmente reflete minhas observações iniciais sobre o desempenho da qualidade. Veremos uma deterioração gradual na margem, mas limitada e controlada.

Passando para a última parte da apresentação com relação aos índices de desempenho, houve uma boa evolução no índice de eficiência, que chegou a 215 b.p. no trimestre, chegando a uma melhoria de 48%.

O índice de recorrência chegou a 68,1% no trimestre, também aumentando 38 b.p. E os índices de lucratividade permaneceram estáveis no trimestre. Lembrem-se que estamos, claro, comparando com o 2T, onde excluímos mais de R\$3 bilhões de lucros extraordinários.

Liquidez e solvência, no próximo slide. O Banco mantém uma posição sólida em termos de liquidez e solvência, com fontes de captação estáveis e uma estrutura de captação muito adequada. O índice *loan-to-deposit* continua a melhorar e ficou em 91% em setembro de 2015.

O índice de Basileia caiu para 15,8%, na maioria composto de Tier I, a níveis bem confortáveis. No trimestre, o índice caiu cerca de 223 b.p., principalmente devido, como vocês devem se lembrar, a termos pago dividendos extraordinários vindos dos nossos resultados extraordinários, essa é uma das principais razões; e também temos o aumento da carteira de crédito e outros ativos devido à desvalorização do Real durante este período.

E finalmente, no último *slide*, para concluir, eu gostaria de compartilhar com os senhores as minhas principais mensagens. Nosso 3T15 tem como principais mensagens as seguintes: em primeiro lugar, com relação aos resultados, as receitas continuam a apresentar uma tendência positiva, e despesas gerais também continuam a evoluir bem abaixo da inflação.

As provisões de crédito apresentaram um crescimento moderado, refletindo a atual situação econômica. O balanço continua robusto, tanto em termos de liquidez, como de solvência.

E finalmente, gostaria de lembrar-lhes daquilo que falei sobre os dividendos. Nós declaramos dividendos totalizando R\$3 bilhões vindos de ganhos extraordinários obtidos no 2T15.

A segunda ideia é que continuamos a investir em nossa franquia de varejo. Os resultados são visíveis em termos do aumento da satisfação dos clientes e da redução do índice de reclamações, que diminui 20% por ano. Também continuamos a investir na construção de uma plataforma de multicanais de última geração, melhorando os nossos canais digitais, como já foi mencionado em outras ocasiões, em setembro.

Portanto, estamos muito confiantes com nosso modelo centrado no cliente. É um modelo feito para garantir resultados sustentáveis e mais resilientes a longo prazo.

Muito obrigado, e agora estamos prontos para responder qualquer pergunta que os senhores possam ter.

A primeira pergunta que recebemos vem do Banco UBS. A pergunta é:

Philip Finch, UBS:

No primeiro trimestre, vocês reconheceram algum ganho na reavaliação fiscal decorrente do aumento de 5% na contribuição social? Se não, por quê?

E a segunda pergunta é: a alíquota efetiva aumentou no 3T15 a fim de refletir a maior contribuição social. O que podemos esperar como alíquota normalizada a partir do 4T15?

Angel Santodomingo:

Obrigado, Phillip. A resposta à primeira pergunta é sim. Reconhecemos aproximadamente R\$ 2 bilhões na alteração que você mencionou, e compensamos basicamente todo esse valor com a baixa de créditos tributários de prejuízos fiscais. Então um praticamente compensou o outro.

Sobre a alíquota efetiva, você perguntou o que podemos esperar. A evolução normal da alíquota, como já dissemos, refletiu-se na mudança da CSLL de 15% para 20%. Devemos esperar a manutenção dessa tendência de alta, que otimizaremos com a evolução tanto da amortização do ágio quanto de outros fatores, conforme já explicado sobre os DTA's (Ativos fiscais diferidos).

Luiz Felipe Taunay:

Para o futuro, a alíquota efetiva deve ficar entre 13% e 18%.

Você pode ver que o nosso saldo de ativos de impostos diferidos totalizou cerca de R\$ 2 bilhões, e que a redução na amortização do ágio aumentou o pagamento de juros sobre capital próprio, então a alíquota efetiva total deverá ficar em média entre 13% e 18%.

Guilherme Costa, Itaú BBA:

Bom dia, minha pergunta refere-se à venda da carteira de crédito. Vimos que vocês venderam cerca de R\$ 238 milhões da sua carteira de crédito no 3T15. Você poderia comentar qual seria o impacto no indicador de inadimplência(NPL) se vocês não tivessem vendido essa carteira? Além disso, a carteira estava 100% provisionada?

Angel Santodomingo:

Vou fazer meus comentários aqui e o Felipe pode dar um pouco mais de detalhes.

Primeiramente, eu diria que vender ou não a carteira em reais é uma atividade corriqueira no negócio. Então nós obviamente otimizamos, nossa política é realizar quitações juntamente com a administração de nossos serviços, obviamente vendendo para terceiros, e medimos isso. Quando otimizamos o uso interno, fazemos isso internamente, e quando percebemos que financeiramente faz sentido vender para terceiros, nós vendemos.

Quando vendemos carteiras, elas são totalmente baixadas, são 100% provisionadas. Então não consideramos, algumas carteiras não estão 100% provisionadas.

Com relação ao impacto no trimestre, eu basicamente diria que o impacto visto no trimestre é marginal, R\$ 240 bilhões da nossa carteira.

Luiz Felipe Taunay:

Podemos fazer um cálculo bem fácil que indica que esta venda teria um impacto de cerca de 10 b.p. na taxa de créditos de liquidação duvidosa, o que para nós não é muito crítico. Com certeza o impacto nos resultados do trimestre foi bem marginal.

Victor Galliano, Barclays:

Você poderia nos dar mais detalhes sobre a situação do capital? A depreciação do real foi realmente a principal causa da redução do capital? Desculpe-me, a ligação não estava muito boa quando você falou sobre esse assunto.

Angel Santodomingo:

Eu mencionei isso durante a minha apresentação, mas tentarei esclarecer. Eu disse que tivemos um impacto de 223 b.p. no capital. Nesse número está o ganho extraordinário que declaramos como dividendos. Lembre-se de que apresentamos isso, anunciamos, se não me engano, no final de setembro, ou durante o mês de setembro, R\$ 3,05 bilhões em dividendos, e isso consumiu cerca de 100 b.p.

Nossos temos o impacto normal dos negócios, o crescimento desses ativos de negócio foi obviamente impactado pela situação cambial por conta da nossa exposição em empréstimos não denominados em reais. No restante dos ativos, o impacto do câmbio também significou um consumo adicional de capital durante o mês. E, por favor, é importante lembrar que tivemos um impacto no *mark-to-market* devido às diferentes carteiras que mantemos, entre elas, a carteira ALCO, por exemplo.

Então, se somarmos tudo, acho que estamos falando de 80%, 90% da variação do capital no trimestre.

Victor Galliano:

OK, então 100 b.p. de dividendos, e o impacto da variação cambial sobre os ativos representa mais 50 b.p., 60 b.p., e a maior parte do saldo em *mark-to-market*, é isso?

Angel Santodomingo:

Está próximo da realidade, a taxa de câmbio envolve vários aspectos, então é difícil individualizá-la, mas é mais ou menos isso que quero dizer.

Victor Galliano:

OK. Obrigado.

Operadora:

Muito obrigada. A sessão de perguntas e respostas está encerrada. Agora eu gostaria de passar a palavra ao Sr. Santodomingo para suas considerações finais.

Angel Santodomingo:

Muito obrigado pela participação de todos. Parece que tivemos alguns problemas técnicos. Eu não sei se conseguimos transmitir bem a nossa mensagem. Se não for esse o caso, gostaria de pedir que os senhores entrem em contato com o nosso departamento de Relações com Investidores para esclarecer possíveis trechos que talvez não tenham ficado muito claros. Como o Victor disse, ele não nos ouviu direito, então estou fazendo esse comentário.

Mais uma vez obrigado pela presença, e permanecemos à sua disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que vocês possam ter.

Operadora:

A teleconferência do Banco Santander está encerrada. Muito obrigada pela participação de todos. Tenham um ótimo dia.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição”